

**Gabriela Motta**  
Professora Colaboradora  
do Mestrado em Artes  
Visuais da Universidade  
Federal de Pelotas, em  
Estágio Pós-Doutoral  
(bolsista PNPd).  
Doutorado em Artes  
Visuais (2015) pela  
Universidade de São  
Paulo (USP); Mestrado em  
Artes Visuais (2005) pela  
Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul  
(UFRGS); e Graduação  
em publicidade e  
propaganda (1999)  
Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos (UNISINOS).  
gabitu@gmail.com

## ***Eixo do Mundo, de Marta Martins Costa***

### **World Axis, by Marta Martins Costa**

**Resumo:** [RESENHA DE EXPOSIÇÃO] Esta resenha é sobre a exposição *Eixo do Mundo*, realizada na Sala de Múltiplos Usos II, do Centro Histórico-Cultural (CHC) da Santa Casa de Porto Alegre (de novembro de 2021 a janeiro de 2022), da artista Marta Martins Costa, a partir da relação da obra da artista com a natureza.

**Palavras-chave:** *Eixo do Mundo*.

**Abstract:** [EXHIBITION REVIEW] This review is about the exhibition *Eixo do Mundo (World Axis)*, which took place at the Multiple Use Room of the Historical Cultural Center (CHC) of Santa Casa (hospital) in Porto Alegre, RS, Brazil (from november of 2021 to January of 2022), focusing on the artist Marta Martins Costa, and her work relating art and nature.

**Keywords:** World Axis.

Os trabalhos de Marta Lima Martins Costa reunidos na exposição *Eixo do Mundo*; realizada na Sala de Múltiplos Usos II, do Centro Histórico-Cultural (CHC) da Santa Casa de Porto Alegre (novembro, 2021 - janeiro, 2022); desenvolvem-se a partir do atravessamento de duas experiências particulares da artista – a vivência do período de pandemia como professora de Artes e suas memórias ao redor de um frondoso Plátano, que ainda habita uma antiga chácara do bairro Azenha. Compõem a mostra monotípias, instalações e um grande painel formado por 20 pequenas telas. Cada uma

dessas propostas incorpora reflexões sobre o valor da natureza, a passagem do tempo e a sempre insuficiente e nublada relação humana mediada pela tecnologia.

A experiência de isolamento social imposta pela Covid-19 impactou de diferentes maneiras a vida no planeta Terra. Aliás, nomear planeta Terra é algo relevante quando se pensa em como Marta olha para o ato de ensinar. Se plataformas virtuais diversas surgiram, se as janelas da interação muitas vezes foram ocupadas apenas pelos nomes de discentes, como pensar sobre tais perdas levando em conta o aprender, o futuro, o virtual, aqui no sentido do que ainda está para acontecer.

De reflexões como essas que surge o trabalho *Inverno em Pandemia*, formado por 20 pequenas telas. A obra parte da imagem que tantos docentes e discentes foram obrigados a encarar nos últimos dois anos – uma espécie de tela virtual com pequenas janelas, cada uma identificando um participante da aula. Como normalmente estudantes não abrem suas câmeras, a identificação é um círculo com suas iniciais. No trabalho de Marta, essa imagem padrão absolutamente fria, composta por sólidos geométricos, círculos e retângulos, ganha um elemento de ligação, um Plátano, que atravessa a totalidade de janelas dessa grande tela. A árvore, mesmo que em alguns momentos quase não seja visível, está ali, permeando cada unidade do conjunto, levando-nos a tecer relações sobre o coletivo. *Inverno na Pandemia* possui uma aura de melancolia, pelo tom acinzentado e pelo próprio nome que nos remete ao período de frio e incertezas que vivenciamos, sobretudo em 2020. Porém, a obra também nos convida a olhar através, a ver além da superfície insípida do écran digital, sugerindo que olhemos para a própria natureza para encontrarmos formas de conviver com mais harmonia.

O Plátano que surge conectando as pequenas células de *Inverno na Pandemia* entrelaça-se à memória de uma infância marcada pela vivência em uma numerosa família. Marta cresceu em uma chácara cuja história confunde-se com a própria saga da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Lá, ouviu histórias sobre o horror do nazismo e sobre a importância da natureza, da arte e da informação e aprendeu a reconhecer em cada Plátano do terreno a mão do bisavô que os plantou, ainda no século XIX. Testemunhas silenciosas de inúmeras transformações, tais árvores permanecem lá, altivas, resistindo ao violento processo de urbanização do bairro, guardiãs de uma história que nos escapa. O Plátano central, ao redor do qual a família costumava se reunir, ainda sustenta a corrente que servia de balanço para as crianças dos anos 1960. Na exposição, um desenho feito diretamente sobre a parede – que inevitavelmente será apagado ao final da mostra –, presentifica a tal árvore e nos faz ver o gesto da artista. Um desenho que precisou envolver todo o corpo, que revela uma espécie de devoção e reconhecimento por essa árvore específica e por todas as outras indispensáveis à vida humana.

Os demais trabalhos da exposição desenvolvem-se a partir da poda de um outro Plátano, este plantado pela própria artista em reverência àquele da infância, já na casa onde ela vive hoje. Diante da ambiguidade da poda, Marta viu-se impelida a guardar galhos e folhas da árvore sem saber que destino teriam. Mas, como diz um verso de Antonio Cícero, *guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por/admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado* (2008. p. 11). E nesse jogo de reflexos, Marta propõe um gesto mínimo e delicado: a inserção de pequenas folhas de ouro na matéria-galho, devolvendo-lhes uma imponentia, retribuindo-lhes um valor talvez perdido no momento em que foram cortados.

De novo, o Plátano da memória aparece como um desejo de ressignificar o passado para imaginar o futuro a partir do que as árvores e seus ciclos podem nos ensinar. Além disso, *Poda e Roda de Afetos*, do mesmo modo que o desenho executado diretamente na parede, também condensam gestos efêmeros. Tais trabalhos demandam uma presença atenta da artista, que compõe diferentes alinhamentos com esses fragmentos, permitindo que o espectador faça associações com suas próprias memórias e vivências.

Já com as folhas guardadas, Marta desenvolve a série *Retorno das Folhas*. Essas monotipias obtidas a partir de um processo experimental de impressão com vinagre retêm das folhas de Plátano uma espécie de rastro pictórico, formando desenhos que sutilmente aludem à sua origem. São desenhos manchados, ocos, que condensam um longo período de observação e espera. Prensadas sobre papel, as folhas ficaram por meses nessa solução ácida, transformando o papel em uma espécie de sudário da matéria. Como pegadas em palimpsesto, essas monotipias podem ser vistas como as marcas que a passagem do tempo – e todos os seres, animais, minerais e vegetais – imprimem uns nos outros.

Por meio de seu trabalho, Marta nos diz que a memória é matéria viva e, assim como as plantas, é preciso regá-la, cuidá-la, guardá-la como quem compreende o tempo de maneira poética e transcendental.

## REFERÊNCIAS

CICERO, Antonio. Guardar. In: \_\_\_\_\_. **Guardar: poemas escolhidos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 11.

**CENTRO HISTÓRICO CULTURAL  
DA SANTA CASA apresenta**



**Exposição**

# **EIXO DO MUNDO**

**Artista Marta Lima Martins Costa**

**Curadora Gabriela Motta**

**Abertura dia 04 de novembro, às 19h**

**Visitação 05/11 a 15/01/22**

**Av. Independência , 75**

